



Voz Off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentam Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop & Tech e Unigel.

Voz off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentam Somos Muitas, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.

Renata Araújo: Eu sou Renata Araújo, coordenadora do Programa Somos Muitas! e hoje recebo Ricardo Ohtake, gestor cultural, arquiteto e urbanista, artista gráfico e curador, ocupou uma série de cargos relevantes à gestão cultural, destacando-se a direção do Centro Cultural São Paulo; na gestão pública foi nomeado diretor do Museu da Imagem e do Som, da Cinemateca Brasileira e secretário da Cultura do estado de São Paulo. Desde a sua fundação, em 2001, dirige o Instituto Tomie Ohtake, dedicado à sua mãe, a artista visual Tomie Ohtake, instalado em um grande complexo que conta com sete salas de exposição, além de outras destinadas a seminários, documentação e ateliê. O Instituto promove um dinâmico programa de exposições que atrai grande público. Outras atividades do Instituto são a pesquisa, a edição de publicações e a promoção de cursos, sendo pioneiro na criação de novos processos de formação de professores e alunos nas redes públicas e privadas de educação, então promovidos pelo Núcleo de Cultura e

Participação. A instituição realiza também um programa voltado para a arquitetura brasileira. E é um enorme prazer hoje gravar esse podcast totalmente diferente do que vocês estão acostumados nos nossos outros episódios. Hoje a gente tem a participação especial da Vera Nunes, a nossa coordenadora de Projetos Socioculturais, que está aqui ao lado dele, Ricardo Ohtake, para essa conversa que vai ser, com certeza, uma conversa transformadora nas nossas vidas. Então vamos lá, tudo bem, Ricardo?

Ricardo Ohtake: Tudo bem. Tudo bem e é uma grande satisfação estar aqui com vocês. Eu acho que vamos fazer um programa legal.

Renata Araújo: Eu também estou achando, estou confiante nisso.

Vera Nunes: Muito obrigada, que legal que a gente está aqui nesta conversa super descontraída, com esse nosso griô da cultura brasileira. Vamos aqui saber um pouquinho dessa história maravilhosa que ele tem para contar para a gente.

Renata Araújo: Para começar então a gente vai perguntar para você sobre a influência do Instituto Tomie Ohtake na produção cultural do país, do estado de São Paulo e do país.

Ricardo Ohtake: Eu já não vou poder ser tão modesto.

Vera Nunes: Não, sem modéstia.

Ricardo Ohtake: Porque se eu for muito modesto, a gente não faz nada. Eu queria dizer então que existe uma frase que o Mário Pedrosa, aquele grande crítico do Brasil, o mais importante crítico brasileiro do século 20, que ele dizia o seguinte: "Em arte a gente tem que ser original". Então assim, a gente tem que inventar coisas novas, isso aí é fundamental para ter uma atuação interessante. E eu guardo isso na minha cabeça, no cantinho aqui, para de vez

em quando poder me inspirar naquilo que o Mário Pedrosa falava. Acho que aqui no Instituto Tomie Ohtake nós temos, eu não digo a obrigação, mas nós temos a necessidade de sempre estar desenvolvendo novos pensamentos, ter novas ideias. Nós tivemos nesses 20 anos do instituto atividades extremamente normais, que qualquer instituição cultural brasileira faz, mas também fizemos muita coisa de novidades na abordagem das coisas e às vezes não é algo que ninguém nunca fez, mas são coisas que a gente tem a ousadia de fazer, coisas que pouca gente faz, não só em termos das exposições, mas também na parte daquilo que hoje nós estamos chamando de Cultura e Participação.

Renata Araújo: No Somos Muitas!, nesta edição a gente está com um olhar para a esperança, para o esperar de Paulo Freire. Acho que a Verinha tem mais como fazer essa introdução aqui, para te perguntar o quanto isso também está dentro das missões do instituto. Com a palavra, Verinha.

Vera Nunes: Este ano, no Somos Muitas!, a gente traz esse olhar esperançoso, esse esperar do Paulo Freire, esse esperar da gente não esperar. Esse esperar da gente levantar, dar as mãos e fazermos. A gente está na segunda edição do Somos Muitas!, esse programa de formação para produção cultural para mulheres de todo o Brasil, então estamos aqui sendo ouvidas e ouvidos por muita gente do Brasil todo, que tem esse desejo de esperar.

Como você, esse homem com tanta experiência, com tanto fazer artístico e fazer na produção cultural, dono desse currículo tão maravilhoso, onde tantas de nós que estamos aí nessa caminhada da produção cultural, vislumbramos um dia pisar, muitos desses espaços que são fechados ainda para muitas pessoas. Como você, Ricardo, busca esse esperar para a arte, para a cultura e para a produção cultural?

Ricardo Ohtake: Bom, eu acho que a coisa mais importante é a gente não ter medo de abrir caminhos, porque para abrir caminhos é necessário ter um pouco de coragem também, porque você tem que derrubar uma porta, você tem que passar no meio de gente brava. Nós temos que ter a palavra que usei antes, que era ousadia, a gente tem que ter essa ousadia, no sentido de realmente conseguir fazer essas coisas aí. Se a gente não consegue fazer essas coisas, eu acho que o trabalho fica meio sem graça.

Renata Araújo: E como a gente também tem esse público do Somos Muitas! voltado para mulheres e a gente está dentro de uma instituição que leva o nome de uma mulher muito legal, que é a sua mãe, eu queria perguntar como você acompanhou esse processo da sua mãe também como artista, ter esse suporte de um produtor. Como que era, já que é uma profissão muito orgânica, que foi se formando para depois criar especialização, como foi essa relação? Conta para a gente como você viu o formalizar e o estruturar da produção cultural, seja pela experiência da sua mãe, seja pela sua experiência como gestor, e passou por várias pessoas que estruturaram, transformaram em realidade vários projetos, conta para a gente como é esse seu olhar para essa transformação, vivência e efetivação da produção cultural.

Ricardo Ohtake: A minha mãe, evidentemente, foi um modelo muito forte para isso, inclusive ela é um caso *sui generis*, não é um caso que acontece todos os dias. Ela começou a ter contato com arte no Japão. Nasceu no Japão e lá ela tinha contato com artes, porque todo japonês tem contato com arte. Quando é pequeno, desenha com crayon, então todos têm uma iniciação nesse sentido e minha mãe também teve. Sempre gostou de desenhar e desenhava bem, sabe, era boa no desenho. Mas ela nunca teve a oportunidade de fazer alguma coisa que possibilitasse que ela fosse desenhando, fazer isso. E aí então quando o meu irmão, que é cinco anos mais velho do que eu, quando ele estava no

colegial ainda, ginásio, e eu estava no primário ainda, ou seja, estava no fundamental 1 e o meu irmão estava no ensino médio, apareceu em São Paulo, em 1952, mais ou menos, um pintor japonês que veio aqui para fazer uma exposição no MAM, Museu de Arte Moderna, que naquela época era na Rua 7 de Abril, no centro da cidade, naquele centro movimentado assim, dentro de um prédio, era um andar. E lá estava o MAM e numa outra entrada do prédio - porque o Museu a gente entrava até o fundo do prédio e subia de elevador - e tinha, na primeira entrada do prédio tinha o MASP, os dois no mesmo prédio.

Renata Araújo: No mesmo lugar.

Ricardo Ohtake: É. Mas não pense que o MASP era conhecido por MASP. Era Museu de Arte de São Paulo e o MAM não era MAM, era Museu de Arte Moderna de São Paulo. Então ela foi ver a exposição desse artista japonês e conheceu o artista japonês e conheceu outras pessoas, conheceu, por exemplo, um dos diretores do Museu de Arte Moderna. Era o Pfeiffer, professor Wolfgang Pfeiffer, ele era crítico de arte e depois virou diretor da ECA, então 25 anos, 30 anos atrás ele foi diretor da ECA. E ela conheceu também nessa época o Osório César. O Osório César era o professor que criou aqueles cursos no Juqueri. Sabe Juqueri o que é? É o instituto psiquiátrico e ele era um psiquiatra, médico psiquiatra. Foi ele quem inventou arte para...

Renata Araújo: Arte terapia.

Ricardo Ohtake: Arte terapia, uma coisa assim, o nome eu não sei como é que é, mas isso aí. E antes que a doutora Nise e ele era uma pessoa muito interessante, e além do mais era comunista. Comunista daqueles assim. Ele se casou numa época com a Tarsila do Amaral, então o que aconteceu, a Tarsila se casou com ele e os dois foram para a União Soviética, porque ele queria mostrar para a Tarsila o que era a União Soviética. E a Tarsila foi para lá, quando

ela voltou, fez aquelas obras políticas, os operários, sabe, aquelas que tem um monte de carinhas assim, não é? Todas essas obras políticas que a Tarsila fez, ela fez via Osório Cesar, sabe, e Osório Cesar também era membro importante do partido comunista e amigo de todo mundo, inclusive do Prestes, Luís Carlos Prestes, que foi o grande dirigente do partidão. E então o Osório Cesar era uma pessoa assim e minha mãe ficou amiga dele e ficou amiga de um monte de gente, mais inclusive artistas. Os artistas naquele tempo assim, os mais importantes eram, por exemplo, o Marcello Grassmann, o Aldemir Martins, José Cláudio da Silva, o Zé Cláudio. Então um monte de artista assim que ela conheceu, aí o Flexor, que é do Atelier-Abstração. Um monte desses artistas aí minha mãe ficou conhecendo, mas a Tarsila ela não conheceu na época, conheceu, mas muito tempo depois. A Maria Leontina era muito amiga dela.

Renata Araújo: Que legal.

Ricardo Ohtake: Então era assim. Ela ajudou muito esse pintor na estadia dele aqui em São Paulo, inclusive chegou uma hora que ele queria ficar um pouco mais de tempo e não tinha dinheiro para pagar estadia etc., falou: "Ah, vai lá em casa". E eu me lembro dele, tinha oito anos, por aí, ele ia, ficou morando na minha casa durante umas duas semanas. Aí minha mãe falou com outras pessoas e ele mudava para a casa de outro e de outro.

Renata Araújo: Ela começou a produzir ele. Virou produtora.

Ricardo Ohtake: É. Então ela ajudou ele a ficar aqui em São Paulo. Aí ele chegou e falou assim: "Olha, em retribuição a isso que vocês fizeram para mim, eu vou dar aula de pintura para vocês".

Renata Araújo: Olha, que legal.

Ricardo Ohtake: Então, todo sábado tinha aula de pintura na minha casa. E eu estava lá, trabalhava direitinho. E aí foi assim que minha mãe começou a

trabalhar em artes. Mas todo mundo achava que era uma pintura que ia no sábado, no sábado seguinte tal, mas minha mãe trabalhava no dia de semana também. E assim foi durante um mês e meio que ele ficou em São Paulo. Aí ele foi embora e minha mãe continuou pintando, foi pintando. Durante o primeiro ano e meio assim, era ainda uma pintura figurativa e aí ela começou a pintar uma coisa assim mais abstrata. De 1954, 1955 ela já participou do Salão Paulista de Arte Moderna.

Renata Araújo: Olha, que legal.

Ricardo Ohtake: E então ele escrevia essas coisas e ele metia o pau em todos os artistas, agora com a minha mãe ele falou maravilhas dela, explicando como é que ela pintava, como é que era o jeito de pintura e tal. Foi uma coisa muito interessante, ela ficou muito contente. Mas minha mãe sempre foi muito modesta, ela nunca foi metida assim. Se fosse eu, já ia falar que já sou o melhor artista do Brasil, mas ela não fazia isso. E aí foi indo assim.

Chegou em 1959, tinha o Salão Nacional de Arte Moderna, que era no Rio e ela mandava os quadros para lá, alguns eram aceitos, alguns não eram aceitos, alguns artistas assim. E teve um ano que o júri era composto pelo, entre outros, Mário Pedrosa, foi quando ela o conheceu. Mário Pedrosa era mais ou menos o grande mentor intelectual do neoconcretismo. O concretismo já tinha acontecido em São Paulo e o neoconcretismo surgiu no Rio, a grande maioria dos neoconcretos são do Rio, são pessoas do Rio. E aí ela conheceu esse pessoal todo assim e o Mário Pedrosa falou para os artistas - tinham dois que eram de São Paulo - : "Olha, vocês precisam visitar essa artista aí, viu. É muito importante, porque ela é uma grande pintora e ela pode ser uma das artistas neoconcretas fora do geometrismo - fora do geometrismo, não - do concretismo". Então ela foi assim, isso aí foi por volta de 1959, o Salão foi em

1959, e depois disso ela foi pintando. Em 1959 ela fez aquela série Pintura Cega, foi de 1959 a 1963, mais ou menos.

Renata Araújo: Que interessante.

Ricardo Ohtake: E aí, em função disso, Mário Pedrosa vinha na minha casa muitas vezes, sabe. Muitas vezes eu que ia buscar ele, fusquinha.

Renata Araújo: Você era o produtor, então, já estava de produtor.

Ricardo Ohtake: É, produtor, trazia ele lá para casa, para eles conversarem porque ele queria ver o que ela estava fazendo. Bom e assim foi.

Depois ela começou a ficar uma artista conhecida. E eu tive uma sorte desgraçada, que sou o caçula dos dois filhos e o mais velho, meu irmão é arquiteto que entrou na faculdade em 1956, quando minha mãe já estava pintando assim. E o meu irmão se formou em 1960 e já tinha obras construídas, sabe, já vai fazendo projeto enquanto é aluno e tal, então em 1960 os dois já eram formados nas suas profissões e já fazendo coisas e eu era o caçula, então o pessoal me tratava como caçula desde aquela época, até eles morrerem eu era tratado como caçula. Foi uma coisa muito interessante, porque o que eu aprendi com isso foi impressionante, tanto de pintura como de arquitetura. E eu resolvi fazer primeiro: "Não, vou ser engenheiro, fazer engenharia, tal", mas logo depois mudei de ideia.

Vera Nunes: A gente tenta sempre fugir do que a família está fazendo, para depois voltar.

Ricardo Ohtake: E eu fui fazer arquitetura, porque gostava mesmo era de design gráfico. Trabalhei até entrar aqui, quando cheguei aqui no instituto, aí não deu mais tempo de fazer o meu trabalho gráfico então acabei não fazendo mais nada de criação artística e hoje eu fico dando palpite aqui nos nossos

vizinhos. Fico dando palpite, encontro as pessoas e fazer, eu, por mim, tudo assim, não faço mais. Antes fazia tudo, desde ir buscar trabalho, discutir, vender uma ideia, tal e voltar para o escritório e começar a desenhar, pegava lá, levava para o cara, se ele tinha gostado e tal. Então isso aí tudo eu fazia, mas depois disso não fiz mais nada. Então acho que não sei bem se a pergunta que você fez eu respondi corretamente, mas era mais ou menos isso que tinha acontecido.

Vera Nunes: E conta para a gente como que é a tua experiência, essa experiência de tantos anos e de tantas instituições, dessa coisa da gestão, porque entendendo todo esse percurso, você como caçula, eu também sou caçula, então sei como é que é a vida de um caçula, a gente está ali ouvindo, sabendo, o pessoal não dá muito, mas quando vê a gente já está cuidando, organizando as coisas. A gente vê que o processo da gestão de cultura, a gestão desses projetos culturais, que iniciou com a sua mãe e depois que você foi o gestor dos principais equipamentos da cidade e hoje você gere esse equipamento que é tão importante, que é um equipamento que além de ser importante na cidade de São Paulo, a gente rompe essas barreiras, como você mesmo colocou, é necessário que a gente tenha essa ousadia para romper as barreiras, essa coragem para fazer as coisas acontecerem. Então aqui mesmo no Somos Muitas! a gente está sendo ouvido e o Instituto Tomie Ohtake está presente em todas as regiões do Brasil, não é, Rê?

Renata Araújo: Nós estamos em 26 estados.

Vera Nunes: Em 26 estados, tem pessoas de 26 estados nesse projeto.

Ricardo Ohtake: Verdade é?

Renata Araújo: Verdade. É, a gente está desde o ano passado conquistando o Brasil, rompeu as paredes aqui.

Ricardo Ohtake: Ah, que legal isso.

Vera Nunes: E como é para você esse processo da gestão? Da gestão cultural. Porque sempre que a gente pensa em arte, as pessoas têm sempre uma curiosidade do artista, é sempre contada a história dos artistas, mas tem uma gama de trabalhos e de coisas que a gestão cultural desenvolve, não é?

Ricardo Ohtake: E o pessoal tem razão, porque realmente o importante são os artistas. Isso aí é a coisa mais importante. Aí a questão da gestão é permitir que o pessoal trabalhe com a maior liberdade possível.

Vera Nunes: Que demais.

Ricardo Ohtake: Eu acho que é alguma coisa por aí. Porque acho que você quer que um aluno, ou uma pessoa, ou um artista queira fazer igual, queira fazer alguma coisa e isso ser igual para outro artista, acho que é algo muito difícil, porque a formação de vida de um é de um jeito, a de outro é de outro jeito, cada pessoa estudou porque gosta de geografia, outro estudou porque gosta de matemática, os caminhos são muito diversos, não é?! São muito diversos. Então, evidentemente, a gente não pode chegar e ficar querendo botar coisa dentro da cabeça de um e de outro que seja igual para esse e para esse. A gente tem que dar essa liberdade para todos poderem desenvolver as coisas e ver como é que tem que ser feito, eu acho que cada um vai fazendo assim. Ou seja, a gente não tem que ficar “xuxando” a cabeça, quer dizer, acho que cada um vai fazendo, agora, o que é importante fazer é discutir as coisas, o que significa o que um fez, o que significa o que outro fez, discutir principalmente isso aí, é isso que acho o mais importante. Acho que essa conversa depois do trabalho é a conversa mais importante que tem. Quando a pessoa consegue conversar bem com outra que está se formando, aprendendo

etc., acho que a coisa vai bem. Se for uma coisa muito rígida, acho que a coisa vai bem, mas... não é?

Vera Nunes: Mais devagar, demora mais para chegar.

Ricardo Ohtake: É, isso mesmo. Então você, por exemplo, aqui a gente saber escolher bem as pessoas que vão trabalhar com os alunos, com os artistas etc. é muito importante e a gente tem que saber trabalhar muito bem com eles.

Vera Nunes: Esse Instituto Tomie Ohtake é só gente maravilhosa, não é por nada, não.

Ricardo Ohtake: É verdade, tem vocês, não é? Que são pessoas maravilhosas também.

Vera Nunes: Mas, Ricardo, olha, sem dúvida, acho que nosso objetivo maior aqui nesse podcast hoje era a sua presença para dividir com a gente não só a sua vida, o seu tempo também, mas praticamente um mergulho na história da arte daqui de São Paulo. É uma honra fazer parte dessa instituição que tem muito da sua mão, que tem a sua vida aqui, acho que é uma vocação, é uma missão muito bonita da qual a gente faz parte e luta para que ela seja difundida pelo país, como está sendo agora que Somos Muitas!. A gente agradece muito a sua presença e queria saber se você tem alguma dica, alguma coisa assim que você queria falar para as nossas participantes e para quem está ouvindo a gente também, assim, sobre o que não pode deixar de fazer na vida para conseguir levar essa missão, igual você faz com tanta clareza, com tanta luminosidade.

Renata Araújo: Com tanta leveza, não é? Com tanta leveza, Ricardo, gente, vocês que não conhecem ele ainda, vocês vão conhecer. Quando cheguei aqui no instituto, o Felipe Arruda me falou: "O lema deste instituto é ser leve, sem

ser leviano" e eu acho que traduz bastante do Ricardo. Conta para a gente, Ricardo, a sua dica para ser leve.

Ricardo Ohtake: Não, isso aí só precisa ser bem-humorado, que o resto leva. Agora, acho que o importante é, quem vem trabalhar aqui precisa ser bem-humorado, porque o pessoal aqui em geral, é bem-humorado, em geral. Tem alguns mal-humorados assim, mas em geral a pessoa é bem-humorada e o fato de ser bem-humorado não significa que é só para ficar dando risada, pelo contrário, tem vezes que tenho que ser muito sério e duvidar do que o cara está falando, que isso aí acho que é fundamental se um professor, ou um dirigente qualquer assim começa a falar coisa, você não precisa brigar com o cara, mas você tem que ter...

Renata Araújo: Duvidar sempre.

Ricardo Ohtake: É, duvidar, ver se o que o cara está falando é uma coisa legal. E isso eu acho que é fundamental, e saber manter o bom humor, que isso aí é fundamental também, porque senão fica difícil de levar. E quando você não é bem-humorado, você é meio briguento assim, a conversa para aqui, não é, está certo? Quando você é bem-humorado, não, a conversa vai.

Renata Araújo: Flui igual ao nosso podcast de hoje, que a gente poderia ficar aqui o resto do dia, conversando, ouvindo história.

Obrigada, Ricardo, obrigada mesmo pela sua apresentação. Obrigada Verinha por estar aqui comigo.

Vera Nunes: Eu é que agradeço.

Renata Araújo: Porque eu não ia conseguir fazer esse podcast sozinha se não fosse a Verinha, gente.

Vera Nunes: Imagina. Gente, vocês sabem, a Renatinha como ela é, não é, é maravilhosa.

Renata Araújo: Para todos que estão nos ouvindo, aquele beijo, aquele abraço. Espero vocês nos outros podcasts do Somos Muitas! 2022. Cada podcast eu trago para a gente uma personalidade, uma mulher inspiradora para também compartilhar com vocês essas vivências da vida e da produção cultural. Vejo vocês na próxima edição. Até mais.

Voz off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentaram Somos Muitas, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.